

## A Transformação da Visão de Corpo na Sociedade Ocidental

Júlia Paula Motta de Souza Pinto  
Adilson Nascimento de Jesus  
Universidade Estadual de Campinas

**Resumo**—Este estudo propõe uma reflexão em torno da visão que o homem ocidental moderno tem de corpo e sua transformação ao longo do tempo. Aborda criticamente a transição da dualidade legada a nós desde Platão para um novo paradigma que fala da unidade, da inter-relação e da interdependência entre tudo e todos, conhecimento esse que, por sua vez, já repousa há milênios nos braços dos orientais.

Palavras chaves: modernidade; Platão; corpo; sociedade oriental

**Abstract**—“The Transformation of Western Society’s Vision of the Body.” This study examines how modern Western man’s image of the body has changed throughout the years. We are slowly leaving Plato’s concept of “dualism” and changing to a new paradigm reflecting unity, an inter-relationship and inter-dependence amongst all things and people. This concept has been reflected in Eastern philosophies and civilizations for thousands of years. These observations, the result of bibliographic research by the author, are part of a master’s thesis paper in progress.

Key words: modernity; Plato; body; Eastern society

### Introdução

#### *O corpo no novo paradigma*

Percebemos, atualmente, uma intensa busca por trabalhos corporais alternativos que refletem as novas formas de cuidados com a saúde. Muitos desses trabalhos, são de origem oriental como, por exemplo, o tai-chi-chuan, a yoga, lian gong, zen shiatsu, acupuntura, etc.. Este artigo busca refletir sobre as razões da busca e aceitação por países ocidentais dos trabalhos corporais originários de uma cultura tão diferente da nossa, como é a oriental.

Por estarmos refletindo a respeito de trabalhos corporais, iniciaremos este estudo buscando primeiro compreender o que é corpo na visão ocidental e o que é o corpo na visão oriental<sup>1</sup>. Em seguida, tentaremos compreender porque esses trabalhos de origem oriental têm sido tão bem aceitos numa sociedade baseada em princípios tão diferenciados.

O corpo, para o ocidental, sempre foi visto como algo material e fisiológico. Aqui no ocidente estamos muito habituados, e até condicionados, a pensar no corpo como sendo o oposto da mente<sup>2</sup>. Para nós, eles são entidades distintas e hierarquizadas, em que a mente é superior ao corpo. Esta

solução dualista do problema metafísico-teológico é uma herança que estamos carregando desde Platão. Para os gregos, o *conhecer*—a contemplação, o teórico, o intelectual—tinha a primazia sobre o *operar*—a ação, o prático, a vontade—, não sendo este segundo elemento, todavia, anulado pelo primeiro, mas subordinado a ele (Platão, 1972).

Sócrates, filósofo que se ocupou especialmente de problemas metafísicos, ensinava “bem pensar” para “bem viver”. Ele dizia que o homem não é o seu corpo e sim “aquilo que se serve de seu corpo”, ou seja sua *psyché*, ou alma. E por *psyché* Sócrates entendia nossa sede racional, valorizando todo intelectualismo em detrimento de qualquer sentimentalismo ou pragmatismo.

Sócrates sustentava, ainda, a noção do corpo como uma coisa má: “durante todo o tempo em que tivermos o corpo, e nossa alma tiver misturada com essa coisa má, jamais possuiremos completamente o objeto de nossos desejos.” (Platão, 1972, p. 73)

Platão, responsável pela maior escola socrática, estava convencido, assim também como Sócrates, que o saber intelectual transcende, no seu valor, o saber sensível. Ele dizia que a verdade (idéia) é prisioneira dos sentidos, os quais enganam a alma em confusões, pois, apenas conhecem a cópia das idéias.

Segundo Platão, o conhecimento humano integral fica nitidamente dividido em dois graus: o conhecimento sensí-

<sup>1</sup> Embora no oriente existam diversas escolas que divergem em inúmeros detalhes, todas elas têm como ponto central de seus ensinamentos a unidade de todo o universo e a inter-relação de todas as coisas, portanto, para este artigo, usaremos a palavra “oriental” de uma forma generalizada, tendo como maior referência teórica o zen-budismo.

<sup>2</sup> Para este artigo consideraremos mente e espírito como sendo a parte não material do homem, não propondo diferenciação entre esses dois termos.

vel, particular, mutável e relativo, e o conhecimento intelectual, universal, imutável, absoluto; que ilumina o primeiro. Essas idéias foram inspiradas em Parmênides, filósofo que Platão cunhava de “o Grande” que dois séculos antes já falava em mundo sensível e mundo inteligível.

Para os gregos existiriam então dois mundos: o *mundo das idéias* que seriam as realidades objetivas, imutáveis e universais, ao qual pertenceria nossa alma imortal e divina; e o *mundo sensível*, das coisas materiais, caracterizado por sua mobilidade, surgimento e desaparecimento, ao qual pertenceria o nosso corpo perecível e profano.

As coisas aparentes, referentes ao mundo material, seriam somente reflexos ou sombra das idéias, imagens jamais tão perfeitas e belas como no ideal platônico. As coisas sensíveis simbolizavam a oportunidade e o estímulo, para que a alma, ao vê-las, se recordasse das idéias contempladas na existência anterior.

Para este filósofo existia um claro dualismo entre o mundano, que é um real apenas aparente e o não-mundano, que é mais real, fundamento, essência, inteligível. Eles são completamente distintos, podemos dizer até opostos. Nesta visão dual da realidade o homem é também cindido em dois, corpo e alma, cada qual com suas funções, possuindo suas partes em um lugar específico de existencialidade.

O corpo passa então a receber os adjetivos de obstáculo, prisão e túmulo da alma. Para Platão o corpo é um participante secundário do real. O verdadeiro mundo permanente, imutável, essencial é o mundo das idéias.

A matéria é caótica, a idéia é ordenadora. A imperfeição existe por causa da matéria. Nas palavras de Platão: “se o Universo não é totalmente perfeito é porque a matéria imprime seu grau de imperfeição” (Platão, 1972, p. 37). A alma racional pertencente ao mundo das idéias, é a parte mais nobre do homem. O corpo pertence ao mundo físico e, portanto, tem o dado da imperfeição. Ele é ruim, pior. O mundo das idéias é o bem supremo.

Percebemos então, nesta concepção dual da realidade, uma subordinação do que é existência em relação ao que é essência e uma clara associação entre o mal e a matéria, fundamentando o bom, o belo e o bem no mundo das idéias. Da idéia—ser, verdade, bondade, beleza—depende tudo quanto há de positivo no vir-a-ser da experiência. Da matéria—indeterminada, informe, mutável, irracional, passiva, espacial—depende, ao contrário, tudo que há de negativo na experiência. O ser mundano para poder chegar a um saber coerente e irrefutável, deveria ultrapassar os estatutos empíricos e transcender o corpo. Para chegar ao mundo divino das idéias é necessário contrapor-se à matéria obscura.

No entanto, Platão admitia que a unidade corpo e alma, entre sensível e inteligível, era primordial para o alcance do bem. Nesta unidade o corpo deveria sempre estar a procura da perfeição e da saúde e a inteligência deveria estar sempre à procura do conhecimento. Porém, mesmo nesta unidade entre corpo e alma que Platão dizia ser necessária, está presente a dualidade e a hierarquização; o corpo é subordinado à alma. O homem do ideal platônico é a alma e não o ser humano em sua totalidade.

Podemos considerar essa uma etapa importante da his-

tória da metafísica. Todo o pensamento ocidental foi condicionado por essa distinção entre matéria e espírito.

O pensamento platônico continuou durante a Idade Média, quando a igreja Católica se apropriou dessas idéias e imprimiu nelas sua marca, ligando o corpo ao pecado, à tentação, estabelecendo uma relação direta entre corpo e sexualidade.

Na Idade Média a valorização do corpo vinha via espírito, sendo que aquele só era valorizado por ser morada do último, persistindo a visão dual. O corpo era considerado apenas pela sua formação material, denominado carne que deveria manter-se intacta às tentações demoníacas da degradação, perdurando, assim, a noção platônica de que o bem deveria ser alcançado com a transcendência do corpo. A forma que o homem tinha para poder dominar a carne era através das obrigações religiosas e sociais, podendo também encontrar espaços de purificação do corpo através de torturas, flagelos, autopunição e castração de desejos. A imagem do monge, que vivia afastado da cidade, trouxe a idéia da santificação pela castidade e pela renúncia.

O povo passou a temer a periculosidade do corpo, mantendo desejos afastados e escondidos da plenitude da satisfação. O corpo era, então, tratado de uma maneira discreta, com respeito e moderação, dentro das regras do decoro e da moral, devendo seguir as leis de Deus, renunciando aos prazeres mundanos, para não ser uma ameaça à vida.

Continuando nessa mesma linha de pensamento, nos deparamos com René Descartes, inaugurando o racionalismo moderno que, apesar de ter questionado a igreja e contestado seus valores ao propor explicações científicas e racionais para os fenômenos permitiu a formulação extrema do dualismo espírito/matéria. Para Descartes, a visão da natureza derivava de uma divisão fundamental em dois reinos separados e independentes: o da mente (*res cogitans*) e o da matéria (*res extensa*) (Damásio, 1994). Essas idéias possuíam claras sugestões platônicas, visto que os estudos gregos foram retomados, evidenciando a semelhança entre os fundamentos do pensamento cartesiano e as reflexões de Platão.

Descartes encontrou subsídios no platonismo para afirmar que o corpo é apenas uma matéria, um obstáculo que não pode compreender o mundo. O mundo somente seria alcançável pelo intelecto. Sem a mente o homem não compreende o mundo. É a exaltação da razão humana como único e último critério de verdade.

Espírito e corpo são realmente distintos e, por serem distintos, apresentam-se de forma que a alma é indivisível e o corpo possui partes. Descartes dizia que o corpo está unido à alma, mas mesmo nesta união existe a separação, a dualidade, na qual o corpo atua contra a alma, mesmo encontrando-se em união com esta. Para ele, o corpo é apenas uma matéria bruta, uma barreira a ser transposta, uma máquina que o intelecto utiliza para apreensão do mundo.

Vemos se instaurar aqui uma postura utilitarista e reducionista que permeia grande parte de nossa ciência até os dias de hoje. A idéia de que a soma das partes é igual ao todo tal como numa grande operação matemática.

Descartes exerceu uma enorme influência no pensamen-

to ocidental em todas as áreas. Com esse seu ideal de estender a precisão matemática aos problemas humanos, acreditava que deveria haver uma clareza única de idéias que seria compartilhada por todos. Para ele, somente a razão seria capaz de conceber bases sólidas para a construção de um conhecimento num reino luminoso de certezas. Ele justificou, assim, o poder da razão, ao perceber o mundo através de idéias claras, distintas e objetivas.

Sabemos que o cartesianismo não só exerceu, como exerce até hoje, uma extrema influência no modo de pensar ocidental. A famosa frase “penso, logo existo” tem levado o homem a igualar sua identidade somente à sua mente, ao invés de igualá-la ao seu todo. É claro que muita coisa mudou e, com certeza, não estamos parados no platonismo e nem no cartesianismo. Muito se tem feito no sentido de superar a visão dual da realidade. Existem muitas e belíssimas teorias ocidentais que falam a respeito da dialética corporeamente, da unidade do ser humano, a própria academia está se abrindo e produzindo trabalhos nesta área. Entretanto, tememos que talvez estejamos apenas “correndo atrás do prejuízo,” deixado pela cisão do ser humano lá na Grécia Antiga.

Já na tradição oriental não se fala tão enfaticamente em unidade do ser humano, porque nunca se falou em dualidade. No oriente, o discurso sobre o holismo e as inter-relações não é uma novidade. Para os orientais a unidade é algo absolutamente natural, pois o ser humano nunca foi cindido, nem tampouco o mundo foi categorizado para ser apreendido. A sociedade oriental procurou caminhos bem diferentes para apreensão da realidade.

No Oriente, falar de corpo e mente como coisas separadas simplesmente não faz sentido, pois para esse pensamento existe uma interdependência natural de todas as coisas. Isso porque enquanto nós, a sociedade dominante do ocidente, estivemos todos estes anos valorizando o conhecimento racional, aquele linear, seqüencial, discursivo, relativo, os orientais valorizaram o conhecimento intuitivo, aquele que não pode ser expresso em palavras, também chamado de absoluto. O próprio termo “absoluto” tem um significado peculiar, diferente da acepção que nós, ocidentais, damos a ele.

O conhecimento racional, derivado da experiência com objetos e fatos do cotidiano, é chamado de relativo pois sua função é, através de distinções intelectuais, discriminar, dividir, comparar, categorizar, enquanto que o conhecimento intuitivo é a unidade entre todas as coisas. Podemos compreender isto com o exemplo da onda e da água. Uma onda no mar, antes de ser onda, é água, a verdadeira essência da onda é ser água. Existem, portanto, para os orientais, duas dimensões com as quais podemos compreender a vida. Uma é como a onda, também chamada de dimensão histórica e a outra é como a água, chamada suprema dimensão.

Na dimensão histórica temos certidão de nascimento e de morte, na suprema dimensão nós sempre existimos e sempre existiremos, não há começo ou fim para nada. Uma flor, por exemplo, pode parecer nascer e parecer morrer, mas ela já existia sob outras formas antes de nascer, da mesma maneira como sempre existirá. Buda disse: “...quando as condi-

ções são suficientes, o corpo se revela, e dizemos que o corpo existe. Quando as condições não são suficientes, o corpo não pode ser percebido por nós, e dizemos que o corpo não existe” (Buda citado por Hanh, 1992, pp. 112-113). Nascimento e morte são apenas simulações, pois tudo sempre existiu e sempre existirá de formas variadas.

Na suprema dimensão não há distinções ou departamentizações de nada. O pensamento torna-se mais global em relação a tudo. Por exemplo, ao sentar neste local sabemos que estamos tocando o chão da cidade de Campinas, que por sua vez está localizada no Brasil, que está ligado à toda América do Sul, Central e do Norte, que por sua vez está ligada a todos os outros continentes da Terra. Podemos então compreender que pisando num ponto da Terra, estaremos pisando a Terra toda, pois o um está no todo e o todo está no um.

Os opostos e as dualidades pertencem, então, à dimensão onda. Na dimensão água é possível ver que inclusive o que parece excludente faz parte de algo maior. Por exemplo, quando há a inspiração não há a expiração. Uma só existe porque a outra existe e ambas fazem parte da respiração. O mesmo com todos os outros pares que parecem opostos. Na flor está o adubo e no adubo está a flor e ambos fazem parte de um ciclo.

A noção sobre dimensão onda e dimensão água pode soar parecida com o que dizia Platão. Ora, para Platão havia o mundo sensível que se caracterizava pelo surgimento e desaparecimento, por ser efêmero, ilusório, e o mundo das idéias, que se caracterizava por ser eterno, divino, a verdade, o belo, o bem, a essência, o fundamento. A dimensão onda é histórica e se caracteriza pelo nascimento e morte, ser e não-ser, e a dimensão água caracteriza-se por ser eterna, plena, total, absoluta.

À primeira vista estes raciocínios parecem realmente muito próximos, diríamos até que quase idênticos. Na verdade, porém, existem muitas diferenças entre eles e cremos que a principal delas é que no Oriente as duas dimensões têm importâncias iguais.

Para os orientais, as duas dimensões têm importâncias iguais e isso é muito valorizado e enfatizado nesta cultura. Eles são diferentes do platonismo e de toda a herança posterior deixada por ele, onde o não-mundano é declaradamente superior ao mundano, ou em outras palavras, onde o teórico é declaradamente superior ao prático. Para os orientais não existem atividades menores. A evolução, a iluminação e o desenvolvimento pessoal somente podem ser alcançados quando se consegue dar pesos iguais para as duas dimensões. Podemos ilustrar isso com um koan<sup>3</sup> zen budista:

<sup>3</sup> Koans são questões levantadas pelo mestre para o discípulo com o objetivo de levá-lo à reflexão essencial que subjaz às conclusões lógicas. O sentido libertário e paradoxal dos koans também pode ser discernido em pequenas frases, histórias, ou mesmo poemas da cultura zen. O Koan é um dos mais profundos exercícios de transcendência da racionalização do que nós chamamos de “conhecimento.”

## Tigelas

“Certa vez um estudante perguntou ao mestre Joshu:

- Mestre, me diga por favor, o que eu faço para atingir a Iluminação?

Joshu respondeu-lhe:

- O que você faz para atingir a iluminação? Terminaste sua refeição?

- Sim, mestre, terminei.

- Então, vai lavar tuas tigelas!”

Neste koan o aluno pergunta ao mestre o que deve fazer para alcançar a iluminação e o mestre não responde “medite,” “ore,” “contemple” ou qualquer coisa que o valha. O mestre lhe dá uma resposta bem prática, chamando a atenção do discípulo para a importância das coisas do cotidiano, como por exemplo lavar a louça que usou. Saber se organizar nas coisas materiais, nas tarefas do dia-a-dia é tão valorizado quanto qualquer outra prática de meditação. Para se iluminar, o discípulo deve ser capaz de dominar tanto uma dimensão quanto a outra.

Os orientais são bem enfáticos no ponto em que viver pelo zen não é uma coisa separada da vida cotidiana. Todas as coisas estão embebidas pelo zen, e a prática do zen exige essa consciência. Por isso é que se diz que no seio da lei de Buda, todas as coisas são a lei de Buda e, portanto, não se pode dizer onde começam e onde acabam as coisas do mundo. Aqui não há subordinação, não existem atividades menores nem menos importantes, devemos ser capazes de lavar uma louça como se estivéssemos dando um banho no bebê Buda. O conceito não é mais importante do que a prática. Aliás, para o budismo, a prática é a mais elevada forma de prece. Um ensinamento sem a prática não tem valor, são apenas palavras. Falar e não praticar, diz o ensinamento zen, é como saber medicina e não tomar o remédio para curar a doença. Que utilidade pode ter isso?

Enquanto Platão é dualista, distinguido de forma estanque a oposição entre o espírito e a matéria. Descartes, nessa mesma linha defende a concepção de que das partes atinge-se o todo. O oriental fala da inter-relação, interdependência e unidade entre todas as coisas e nos aponta para a realidade de que o isto está também ligado ao aquilo, que o universo é uma imensa rede de relações.

Entender o pensamento oriental não é realmente tarefa muito simples para um ocidental, pois ele é situado anteriormente ao intelecto, o que o torna muito diferente do que praticamos há séculos. É como querer ouvir e compreender um mito usando somente o raciocínio lógico. Diz o zen budismo que o mundo somente é alcançável pelo não intelecto, pois a mente intelectual e discursiva departamentaliza o mundo e isso, para o oriental, é perturbação e ignorância: “quando a mente é perturbada, produz-se a multiplicidade das coisas; quando a mente é aquietada, a multiplicidade desaparece” (Ashvaghosa in Capra, 1983, p. 26). O que de fato acontece é que os nossos órgãos habituais de compreensão não conseguem captar esse tipo de conhecimento,

pois ele não é uma simples especulação, mas uma experiência única que o intelecto não pode conceber.

Segundo essa tradição, diz-se que esse conhecimento não pode sequer ser expresso em palavras, pois ele se localiza além dos sentidos e do intelecto, que são as fontes de nossas palavras e conceitos. Como expressam os Upanishads: “Lá, o olho não alcança, nem a fala, nem a mente. Não sabemos ou sequer entendemos como poderia ser ensinado” (Capra, 1983, p. 31).

Entretanto, nós nos habituamos com o uso da consciência discriminativa e, além disso, julgamos que ela se encontra fora de nós e vivemos correndo atrás dela em formas de teorias e conceitos. O oriental diz que essa consciência discriminativa nos faz construir flores no espaço, pois ela é ilusória na medida em que se mostra a nós como completa e é incompleta. O estudo deste mundo das diversificações e dos conhecimentos discriminatórios não é o caminho para se conhecer o zen. Na verdade, o zen transcende as relatividades dos condicionamentos culturais e para atingi-lo devemos nos dispor a pensar no impensável. Mas, como assim: “pensar no impensável?” E a resposta é: “pensando além do pensar e do não pensar. Tendo como pensamento o pensamento do não pensamento.” E essa é, de fato, a mais importante fase da meditação zen.

Uma pessoa em atitude zen não espera nada, não pensa em nada. Nesse estágio avançado do zen, a pessoa pensa sem pensar. O que acontece é que ela pensa como a chuva que cai do céu, como as estrelas que brilham, como o vento que sopra, como o sol que clareia... na verdade ele é a chuva, as estrelas, o vento, o sol...

O fato é que o zen está aparentado com o mais puro e contemplativo misticismo. É certo que o homem é um ser pensante, mas também é sabido que suas grandes obras se realizam quando não pensa e não calcula. Os grandes *insights* surgem nos momentos menos esperados, durante um banho, num momento de lazer... Nesse estágio o homem pensa sem pensar.

Aqui talvez nos deparamos com uma das maiores diferenças entre a visão ocidental e a oriental: a super valorização da razão por um e a relativização da importância da razão por outro. Enquanto o pensamento ocidental vem valorizando por muitos e muitos anos a razão como sua real escudeira, para o pensamento oriental, o conhecimento racional é só um tipo de conhecimento que complementa o intuitivo. Nós precisamos igualmente dos dois, pois dentro de um está o outro, como nos revela o símbolo do yin/yang<sup>4</sup>.

Neste momento um bom observador poderia novamente argumentar: “concordo que a filosofia oriental pode até ser mais bonita, mas qual sociedade se desenvolveu mais? O pensamento racional tem nos dado um considerável desenvolvimento da ciência e uma tecnologia cada vez mais avançada! Nossa sociedade é mais desenvolvida!”

<sup>4</sup> Yin e yang é o par arquetípico que forma o alicerce de todo pensamento oriental, pois é usado para explicar a complementaridade dos pares de opostos.

É fato que a sabedoria oriental não leva ao desenvolvimento da perícia tecnológica que permitiu ao ocidente ganhar a fama de árbitro da realidade, mas aqui cabe uma outra discussão: será o desenvolvimento tecnológico um indicador real de desenvolvimento humano? Aonde realmente tem nos levado a excessiva valorização da razão? Será que tem nos levado a desenvolver valores éticos e humanitários? Será nossa sociedade realmente mais desenvolvida? Que critérios devemos usar para avaliar o desenvolvimento de uma sociedade? A velocidade na transmissão das informações ou o tipo de informações que se valoriza? A capacidade de consumo de uma sociedade ou o que se consome? Ou ainda quantas pessoas podem consumir? Como podemos chamar de evoluída uma sociedade que faz uso de uma quantidade assustadora de remédios anti-depressivos como a nossa faz? E quanto mais “desenvolvido” o país, maior o consumo destes mesmos remédios. Será isso desenvolvimento? Ou será que podemos afirmar com certa certeza que há “algo de podre no reino da tecnologia?”

O sentido fundamental das sociedades mundiais hoje é o progresso, o desenvolvimento, a prosperidade, o crescimento ilimitado de bens materiais e de serviços. Mas, como se tem alcançado tudo isso? Mediante a utilização e a exploração de todas as forças e energias da natureza e das pessoas. O grande instrumento para isso é a ciência e a técnica que produziram o industrialismo, a informatização, etc.. Com esse objetivo básico de dominar a natureza, criou-se o mito do ser humano herói e desbravador. O ser humano se coloca sobre as coisas para fazer delas condições e instrumentos de seu conforto e bem-estar.

Mas, existe um preço para que alguns seres humanos possam se colocar sobre tudo e todos. O recente relatório sobre o desenvolvimento mundial do Banco Mundial (BIRD) aponta que o contingente de pessoas que vivem em pobreza absoluta (que sobrevivem com menos de 1 dólar/dia) está aumentando assustadoramente, atingindo já a marca de 1,5 bilhões de pessoas, ou seja 25% da população do planeta (Jornal o Estado de São Paulo, 16/09/99). Isso sem falar no preço ecológico que também existe e não é barato. A natureza, que tem sido tratada por nossas sociedades como se fora um supermercado ou um imenso balcão *self-service*, está dando sinais claros de esgotamento.

Frente a isso percebemos uma “cultura dos satisfeitos,” os quais se isolam dentro de seus condomínios fechados e, em seu egoísmo consumista, cingidamente ignoram a devastação de grandes massas humanas no mundo e a devastação da própria “casa” em que habitam. Essa pequena parcela que consome, em certo sentido, vive uma grande ilusão, pois a forma de capitalismo que se impõe é capaz de convencer as pessoas a comprarem o que não precisam, com o dinheiro que muitas vezes não têm, para mostrar a quem não gostam, aquilo que elas não são. É um sistema materialista e inepto, que gera um profundo sofrimento em ambas as partes, tanto em quem não tem condições de consumir, quanto em quem consome em exagero. Essa situação não revela desenvolvimento e é absolutamente insustentável.

Frente a esse quadro nada animador, podemos perceber que a ética da sociedade dominante hoje é utilitarista e

antropocêntrica. Temos sido até agora racionalistas, dualistas e cultivado um tipo de desenvolvimento altamente concentrador, explorador de pessoas e de recursos da natureza. Quanto mais intenso for esse desenvolvimento, beneficiando a alguns, mais miséria e degradação irá produzir para as grandes maiorias. Pouquíssimas pessoas com grande acumulação de bens e serviços à custa de 2/3 marginalizados. Será realmente este o sistema chamado por muitos de desenvolvido?

Os sistemas ideológicos e políticos que nos dominam são fruto do espírito mecanicista da modernidade. Especialmente o sistema social hoje operante no mundo. É um sistema assentado sobre o ter e a acumulação de bens materiais. Este sistema incentiva poderosamente as necessidades de ter do ser humano, recalçando dimensões mais fundamentais como a do amor e a do sentimento.

Introjeta-nos, pelos meios de comunicação, símbolos e programas poderosos que dizem que a vida não tem sentido sem a posse de certo número de bens materiais e de certos símbolos de prestígio e de poder. Favorece o individualismo e a mentalidade de competição e de consumo. Nega, dissimula ou aliena outra necessidade mais fundamental: a de ser e a de elaborar sua própria singularidade. Esta necessidade de ser demanda liberdade e criatividade, capacidade de opor-se eventualmente às convenções e ao sistema de valores dominante. Ainda, exige coragem de abrir caminhos novos, originais, pessoais. A partir dessa necessidade de ser, a pessoa pode integrar a necessidade de ter, sem sucumbir ao feitiço de seu encantamento. Pode, ainda, compreender o significado do dinheiro e dos bens materiais sem cair sob sua obsessão, fazendo-os mediações para a vida e para a solidariedade.

Infelizmente, hoje o foco é posto na propriedade privada e na supervalorização do indivíduo. O motor do processo produtivo é o lucro garantido mediante a produtividade e a concorrência. O estilo de vida idealizado pela nossa sociedade, pelo menos nos últimos 400 anos, está baseado em falsas premissas éticas e num profundo vazio.

Mas qual é a suprema ironia atual? A vontade de tudo dominar nos está fazendo dominados e assujeitados aos imperativos de um ser humano dilacerado morando numa terra degradada. A utopia de melhorar a condição humana piorou a qualidade de vida. É a vitória de Pirro. O sonho de crescimento ilimitado produziu o subdesenvolvimento de 2/3 da humanidade. A volúpia de utilização ótima dos recursos da terra levou à exaustão dos sistemas vitais. O estilo de vida idealizado está levando à desintegração de valores como amizade, fraternidade, amor, assim como está levando a um assustador consumo de remédios anti-depressivos, relações por interesse, enfim, ao esfacelamento do equilíbrio interno do homem.

Houve, pois, algo de reducionista e de profundamente equivocado neste processo e que, somente hoje, estamos começando a ter condições de perceber e questionar em sua gravidade. Estamos podendo perceber com mais nitidez que o preço da modernidade inclui a desestruturação do seres humanos, o excesso de violência contra a natureza, as sociedades e as pessoas. Este preço está começando a se reve-

lar alto demais, pois construímos um sistema e um estilo de vida baseado em falsas premissas éticas e num profundo vazio.

Mas, como foi possível chegarmos à situação atual de estado de guerra declarado entre natureza e ser humano? Entre matéria e espírito? Entre pensamento e sentimento? E entre tantos outros dualismos? Deve ter havido algum equívoco profundo. E aqui nos deparamos com uma crise de proporções inimagináveis.

As tribulações em que vivemos alimentam a exigência de um novo paradigma, pois não podemos seguir com o paradigma da modernidade que entende a atividade humana como transformação da natureza. Uma atividade a serviço do progresso linear ilimitado, sem considerar a lógica interna da natureza, sem considerar as reais necessidades das pessoas. Este modelo de consciência, apesar de termos nos apegado obstinadamente a ele, desapontou-nos ao longo dos séculos. Mas do caos, lentamente, vem nascendo uma nova ordem. Algo que, passo a passo, está nos fazendo superar o antropocentrismo, o androcentrismo, o materialismo, o academicismo e outros tantos “ismos” que se estabeleceram ao longo do tempo. Hoje vemos surgir um novo paradigma, uma nova consciência do universo. Entendendo-se por paradigma como sendo uma maneira organizada, sistemática e corrente de nos relacionarmos com nós mesmos e com todo o resto à nossa volta (Kuhn, 1975, pp. 218–219).

Apresenta-se um tipo de pensamento que não fragmenta a realidade. É o paradigma da totalidade. O velho paradigma é a visão de mundo cartesiana, newtoniana, a visão de mundo mecanicista. O novo paradigma é o holístico, o sistêmico, a visão ecológica de mundo. Trata-se do sentido de unidade das coisas: homem e natureza, consciência e matéria, interioridade e exterioridade, sujeito e objeto. Em suma, a percepção de que tudo isso pode ser reconciliado. A percepção de que não há nada separado, tudo está unido.

Não é questão de abolir o reducionismo, mas de complementá-lo com o holismo. Com o novo paradigma chegamos a uma ciência que não tem requisitos de admissão, que não exclui o objetivo nem o subjetivo, o espírito ou a matéria, a razão ou a intuição. Por muito tempo a ciência se preocupou em fragmentar, separar, perdendo o sentido do todo. No entanto, a busca desse sentido tem aparecido com mais e mais frequência nas novas abordagens. Vemos a própria ciência buscando complementar o seu conhecimento como num certo tipo de relação de fase entre dois processos cerebrais, em geral considerados mutuamente exclusivos: o analítico e o holístico, o intelectual e o intuitivo.

O mundo da ciência já não se apresenta mais quebrado. É a mudança da parte para o todo. O princípio do holograma pode ser uma boa representação desse novo paradigma. O holograma procura captar a interdependência de todos os elementos, sua funcionalidade global, fazendo com que o todo seja mais do que a soma das partes e que nas partes se concretize o todo. Este novo modelo holográfico enfatiza o processamento interdependente, paralelo e simultâneo de eventos, no qual qualquer pedaço do holograma reconstrói a imagem inteira (Wilber, 1982, p. 122).

No antigo paradigma usava-se a metáfora do conhecimento como um edifício que ia sendo construído através de blocos de construção. Hoje usa-se a metáfora da rede. Na rede não há acima, não há abaixo, não há hierarquias, nem algo que seja mais fundamental. O universo é concebido como uma teia dinâmica de eventos inter-relacionados. O paradigma holográfico propõe uma dinâmica que não é linear. Neste novo conceito de rede ou de teia tudo está interligado influenciando-se reciprocamente. Observador e observado constituem uma unidade.

Percebemos também a mudança da verdade para descrições aproximadas. Segundo o princípio da incerteza não podemos simultaneamente determinar com certeza a posição e a velocidade (ou momentum) de um elétron. O menor esforço para medir exatamente um deles torna vago nosso conhecimento do outro. Não é mais sustentável o conceito de trajetória nitidamente definida de uma partícula (Goswami, 1998, p. 60).

Existe atualmente uma maneira nova de estudar o paradoxo da dualidade onda-partícula. As naturezas de onda e partícula do elétron não são dualísticas, nem simplesmente polaridades opostas. São propriedades complementares que nos são reveladas em experimentos complementares. Os elétrons não são ondas nem partículas, porquanto sua verdadeira natureza transcende ambas as descrições. Este é o princípio da complementariedade (Capra, 1983, p. 59).

Tudo isso são mudanças muito grandes. Como diz Niels Borhm: “aqueles que não ficaram chocados ao primeiro contato com a teoria quântica possivelmente não a entenderam” (Borhm citado por Weber, 1986, p. 37).

Mergulhando profundamente na ciência moderna, descobrimos que seus postulados confirmam os antigos conhecimentos orientais. A ciência moderna está muito mais próxima das concepções místicas orientais do que da filosofia mecanicista.

Ciência e misticismo obviamente possuem suas diferenças. Porém, hoje já é possível perceber notáveis similaridades, coisa que não se percebia com a ciência do passado. Nem todos os cientistas concordam com essas idéias, mas encontramos muitos cientistas como Heisenberg, Bohr, Schroedinger, Eddington, Jeans, Capra, Bohm, Sheldrake, Grof, Wilber, Goswami, Talbot, Charon, Russel, Priban, Krippner, Penfield, Tipler, entre outros, sustentando uma visão místico espiritual do mundo (Borgonovi, 2000: 7). Visão essa da qual partilhava também Einstein: “a emoção mais bonita pela qual podemos passar é a mística. Ela é a propagadora de toda arte e ciência verdadeiras. Aquele para quem essa emoção é uma desconhecida é um morto” (Borgonovi, 2000, p. 143).

Neste conceito de teia de relações, a física vem desenvolvendo teorias sobre a unicidade do universo, sendo esta, no entanto, a experiência máxima do misticismo. Da mesma forma a física quântica fala da relação entre observador e observado assim como diversas correntes místicas também o fazem. O fato de nossos conceitos comuns não descreverem completamente a realidade atômica é outra das bases de comparação que se faz com o misticismo. Diz a primeira linha do *Tao te Ching*: “o Tao que pode ser expresso não é o Tao

Também a realidade holográfica encontra-se igualmente descrita em um sutra budista: “Diz-se que no céu de Indra há uma rede de pérolas dispostas de maneira tal que se você olhar uma verá todas as outras nela refletidas. Da mesma forma, cada objeto no mundo não é meramente ele próprio, mas envolve cada um dos outros objetos, e é, de fato, cada um dos outros objetos” (Capra, 1983, p. 223).

Ilya propõe que a ordem pode despontar da desordem (Ilya in Weber, 198, p. 223). Esta proposta assemelha-se com o símbolo yin/yang que dentro de um está o outro.

Não há dúvida de que as idéias de teóricos tais como Pribam, Bohm e Capra representam algumas das tendências mais sérias e sofisticadas para estabelecer uma interface entre a ciência e as realidades espirituais e transcendentais. Como coloca Lawrence Beynam: “estamos atualmente passando por uma mudança de paradigma na ciência—talvez a maior mudança desse tipo até hoje. Pela primeira vez, deparamo-nos com um modelo abrangente para experiências místicas, que tem a vantagem adicional de derivar da vanguarda da física contemporânea” (Beynam citado por Wilber, 1982, p. 149).

Foi-se o tempo em que só o que é mensurável por nossos aparelhos e instrumentos é considerado como sendo realidade. Foi-se o tempo em que o físico tradicional não se preocupava com mais nada a não ser com o que é previsível e controlável. Nas palavras de Pribam: “os dias dos tecnocratas de coração frio e cabeça dura estão contados” (Pribam citado por Weber, 1986, p. 15).

Hoje vemos físicos falando sobre o manifesto e o não manifesto, assim como os místicos orientais. O mundo material, chamado de ordem explícita, possui uma ordem implícita. Na terminologia de Bohm, sob o domínio explícito de coisas e eventos da nossa realidade existe um domínio implícito de totalidade indivisa (Wilber, 1982, p. 45-46).

Aquilo que passa por nós é muito mais do que aquilo que temos ou vemos, o explícito. Qualquer momento é uma miríade de riqueza. A experiência ordinária tem características que habitualmente não se presta atenção, é a ordem implícita na ordem explícita.

Capra coloca que: “o universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de uma infinidade de objetos, para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico.” (Capra, 1982, p. 72). Para os místicos orientais todos os níveis da existência se interpenetram e interagem. Os elementos físicos interagem com os elementos biológicos, que interagem com os mentais, etc., revelando também uma interação e interpenetração mútua (Wilber, 1982, p. 154).

A ciência já admite a existência e o valor não só do pensamento, mas também do *insight*, que não é linear. Como coloca Bohm: “há uma verdade, uma realidade, um ser além daquilo que pode ser apreendido pelo pensamento(...)” (Bohm citado por Wilber, 1982, p. 70).

E com isso vemos muitos cientistas margeando a fronteira entre a ciência e a religião. Pela primeira vez num século a ciência e a religião são companheiras numa aventura de descoberta cósmica. O misticismo e a física estão fazendo causa

comum. Pesquisas sobre o cérebro estão confirmando as mais extraordinárias visões do misticismo perene. Na era quântica e pós quântica esses irmãos há tanto tempo separados parecem reaproximar-se.

Não se trata de querer provar o misticismo a partir da física e nem provar a física a partir do misticismo. E sim, de contribuir para evolução de ambos. Há muitos meios diferentes de se olhar para a mesma coisa.

O ocidente precisa do oriente e oriente não pode passar sem o ocidente. Se ambos se integrarem estaremos completos. As duas regiões são como os dois hemisférios do cérebro: uma é prática, a outra imaginativa. Um lado compensa e complementa o outro.

O misticismo é a experiência da unidade com a realidade, a ciência hoje em dia é a explicação disso. Os cientistas por fórmulas, os místicos pela meditação, ambos estão buscando a realidade una.

Vemos surgir um holismo livre, uma mudança de paradigma abrangendo toda a ciência. Vemos surgir uma nova biologia, uma nova química, uma nova neurologia, uma nova astronomia. Uma série de novas ciências nos vai sendo revelada neste início de milênio, prometendo um espetáculo de realidades jamais imaginadas. Os conceitos quânticos, nascidos no começo do século e voltados exclusivamente para a física, se espalharam por outras ciências e disciplinas, influenciando áreas como a medicina, a biologia, a psicologia, a neurologia e filosofia, alterando profundamente nossa vida e o conhecimento dela.

Por exemplo, na área da ecologia a ciência tem assumido uma nova atitude de afinidade perante a natureza e não mais de domínio. Dentro do conceito de dinâmica do todo, de interdependência e interconexões, percebe-se claramente que se destruirmos o planeta destruiremos a nós mesmos. A crise vem gerando uma mudança de paradigma onde os seres humanos estão saindo da postura de estar sobre as coisas para se colocar junto com as coisas, em inter-relação, numa pertença mútua, como membros de um todo maior. O homem começa a se colocar junto com a natureza, a favor da natureza e não mais contra natureza.

De fato estamos vivendo uma era sem precedentes na história da humanidade, uma crise mundial de valores, na qual a ciência tradicional está passando por uma revolução conceitual de proporções inéditas. Como coloca Karl Pribam: “Creio que estamos no meio de uma mudança de paradigma que abarca toda a ciência” (Pribam citado por Wilber, 1982, p. 13). Hoje em dia a configuração total não é mais determinista, na medida em que tudo está se interpenetrando e se complementando.

Essa nova visão holística está assumindo o lugar de todo e qualquer reducionismo. Muitos conceitos são revistos e revisitados. Começamos a perceber como se mostra irreal a separação rígida entre civilização e natureza, entre mundo e ser humano, entre razão e sentimento, e entre outros tantos dualismos que nossa sociedade consolidou.

Este novo paradigma está sendo capaz de integrar dicotomias profundas do nosso pensamento. E da mesma forma como foi proposto uma maneira nova de estudar o paradoxo da dualidade onda-partícula, está se apresentan-

do também uma nova maneira de estudar o binômio corpo-mente.

O princípio da complementariedade, se transportado para o estudo da relação corpo-mente, sugere que olhemos ambos como complementares e não mais como polaridades opostas. Nas palavras de Bohm: “na velha física, a matéria (que era a única realidade) era completamente mecânica, não deixando espaço para a mente. Mas se, de acordo com a nova física, tudo se acha dobrado dentro de tudo, então não há uma verdadeira separação de domínios. A mente surge da matéria. E a matéria contém a essência da mente. As duas são, realmente, abstrações do todo(...)” (Bohm citado por Wilber, 1982, p. 180).

Nesse sentido, o corpo e a mente são, também, completamente interpenetrantes, complementares e inter-relacionados. Ainda nas palavras de Bohm: “(...) os dois opostos podem ser, de início, tratados como independentes, mas você descobrirá que cada um deles é o princípio de movimento do outro” (Bohm citado por Wilber, 1982, p. 191).

Neste paradigma da totalidade a complementariedade é um ponto chave de compreensão das mais diversas áreas do conhecimento. Estamos trilhando o que parece ser realmente o caminho da unidade. A ciência toca em temas até então de domínio da religião, o ocidente se alimenta de conhecimentos do oriente, o corpo se encontra com a mente.

Aqui o conhecimento do corpo se confunde com o próprio auto-conhecimento. E, neste momento, surgem diversas novas formas de cuidados com o corpo. Todas elas estão voltadas para o encontro de si mesmo de uma maneira mais inteira, pois enquanto o antigo paradigma moderno era de dominação da natureza a qualquer custo e preço, de estar sobre as coisas, sem se importar com mais nada e mais ninguém, o novo paradigma é o resgate dos direitos do coração, do sentimento, da fraternidade, do respeito, do amor, da união. As novas formas de cuidados com o corpo representam uma reconciliação com a natureza e conosco mesmos. O novo paradigma traz a união do homem com seu próximo, com os demais seres e também consigo próprio, pois aqui o ser humano não está mais cindido em corpo e alma, nada está separado de nada, é o paradigma da totalidade.

É dentro deste contexto que podemos compreender a busca do ocidente por trabalhos corporais orientais. Percebe-se cada vez mais que não basta termos conhecimento sobre o mundo e o universo. Deles os livros e a multimídia estão cheios. É preciso algo mais. É preciso unir teoria e prática, unir exterior com interior, unir o conhecimento externo com o interno, é preciso investir em auto-conhecimento. Talvez possamos compreender essa busca do auto-conhecimento como uma busca pelo reencontro com a capacidade de amar, como um diálogo com a própria interioridade, como uma escuta aos apelos que afloram do centro do indivíduo. Esse encontro implica portanto na própria subjetividade, por isso não é totalmente descritível, nem controlável. É através dessa subjetividade que o indivíduo pode preservar sua idiosincrasia e marcar sua diferença e, com isso, ir percebendo cada vez mais sua relação com o todo.

Esta busca por trabalhos de auto-conhecimento implica em humildade, implica necessariamente em percebermos que não somos o centro do universo e que não sabemos tudo. Ainda, implicam que não estamos nem perto de saber tudo nem mesmo sobre nós mesmos. Implica que precisamos uns dos outros.

Cada vez mais o homem ocidental sente necessidade desse reencontro consigo mesmo e com seus semelhantes. Sente necessidade de integrar as dicotomias de seu ser e se sentir mais inteiro. É por isso que, a cada dia, crescem os adeptos da yoga, da acupuntura e de tantos outros trabalhos corporais de origem oriental.

Trata-se mais de um paralelismo, no qual o ocidente está acordando para pontos há milhares de anos levantados pelo Oriente, do que de uma influência direta. Não é questão de importar o zen do extremo oriente, mas perceber o que podemos aprender com ele. Nesse sentido, há uma íntima relação entre a visão zen e a atual evolução do pensamento homem ocidental em relação a seu corpo, desencadeada pela penetração desse novo paradigma em nossa sociedade.

## Referências

- Borgonovi, E. C. (2000). *O livro das revelações*. São Paulo: Alegro.
- Capra, F. (1982). *O Ponto de Mutação*. São Paulo: Cultrix.
- Capra, F. (1983). *O tao da física*. São Paulo: Cultrix.
- Damasio, A. (1994). *O erro de Descartes*. Lisboa: Europa-América.
- Goswami, A. (1998). *O Universo autoconsciente*. São Paulo: Rosa dos Tempos.
- Hanh, T. N. (1992). *Vivendo em paz*. São Paulo: Pensamento.
- Kuhn, T. (1975). *A estrutura da revolução científica*. São Paulo: Perspectiva.
- Jornal o Estado de São Paulo 16/09/99.
- Platão. (1972). *O Banquete*. São Paulo: Abril Cultural.
- Weber, R. (1986). *Diálogos com cientistas e sábios*. São Paulo: Cultrix.
- Wilber, K. (1982). *O Paradigma holográfico*. São Paulo: Cultrix.

## Nota do autor

Este trabalho faz parte de uma dissertação de mestrado, já qualificado, porém ainda em andamento, financiado pela FAPESP, a qual agradecemos encarecidamente o apoio.

Endereço:

Júlia Paula de Souza Pinto  
R. Antônio Maria Brandão, 450, Jardim Eulina  
Campinas 13063-070, SP  
Fone: (0XX19) 2428134  
Fax: (0XX19) 2428461  
Email: juliap@fef.unicamp.br